



DISCURSOS FORA DE ORDEM: LIMITES DO SEXO E DA ESCOLA

Rafael Venâncio; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – venancio92@live.com

Resumo: Na Grécia Antiga, os relacionamentos sexuais entre homens eram encarados pela sociedade como uma prática pedagógica. Era comum que, por meio do ritual de iniciação denominado pederastia, o jovem obtivesse os pré-requisitos necessários a sua formação. A sexologia do séc. XIX foi responsável, com seu discurso científico, por atribuir às práticas homossexuais um caráter patológico, corroborando o discurso religioso predominante. A psicanálise, por sua vez, debruçando-se sobre as questões do inconsciente, procurou afirmar a plasticidade do desejo, colocando-o a serviço das moções pulsionais. À procura de explicações para comportamentos considerados, à época, perversos e bizarros, o mestre vienense, na contramão dos discursos segregadores de uma Viena conservadora, interpretou o amor que não ousa dizer seu nome, como um outro caminho, dentre os inúmeros itinerários forjados pela sexualidade. Na esteira de suas teorizações, a homossexualidade foi concebida como resultado das relações edípicas. Mas, não só as correntes psicanalíticas, como também obras de ficção têm dado uma nova abordagem para os sujeitos homoeróticos. É o caso do romance *Will & Will*, da dupla de escritores norte-americanos John Green e David Levithan, publicado em 2015, no qual as vicissitudes do desejo são postas em cena. Assim, numa conexão entre a psicanálise (pós) freudiana e a literatura infanto-juvenil, nossa pesquisa pretende analisar o personagem Will Grayson, ante o desvelamento de sua sexualidade no âmago de uma sociedade marcada por convicções heteronormativas. Discutiremos, ainda, o papel da escolar enquanto lugar de formação e respeitabilidade, capaz de acolher a diversidade em múltiplos caminhos.

Palavras-chave: Literatura, Gênero, Sexualidade.

1. Introdução

Will & Will – um nome, um destino é um romance que compõe a cartografia da literatura infanto-juvenil, escrito pelos norte-americanos John Green e David Levithan, publicado no ano de 2014. A temática do livro explora os conflitos de dois adolescentes que vivem dilemas em sua vida social de modo que seus dramas se unificam no dia em que se encontram pela primeira vez e se descobrem possuidores do mesmo nome, coincidentemente. Mas, aparentemente, só o nome lhes é comum, pois nas demais coisas são inteiramente opostos.

Com o enredo composto em vinte capítulos e o foco narrativo em primeira pessoa, sob a ótica ordenada dos dois protagonistas que expressam os aspectos e impressões das situações a que são levados, o romance busca criar um maior paralelismo na trama, por isso, os autores optaram por diferenciar os personagens principais em, praticamente, tudo: condição financeira, ensino, família, escola, amigos e sexualidade; ou seja, enquanto um Will tem uma estrutura familiar aparentemente satisfatória, estuda numa das melhores escolas dos Estados Unidos e se afirma hétero, o outro advém de uma família sem a presença do pai, vive em condições financeiras apertadas e estuda numa escola de



estrutura precária. Além disso, os escritores se valeram de uma maneira bastante peculiar para apresentar os capítulos nos quais o ponto de vista está no segundo Will: as letras maiúsculas não são inseridas nem mesmo após o ponto final ou de continuação, semelhante a conversas registradas em *chat* nas redes sociais, o que, por sua vez, nos permite pensar a razão pela qual o discurso e a forma de expressá-lo são desta forma e não de outra. Vale considerar que, a homossexualidade retratada neste romance, por meio deste personagem, demonstra o quanto a literatura infanto-juvenil tem aberto um espaço significativo a temáticas que exploram o campo da subjetividade, na sua área mais complexa, a saber, a sexualidade. Em vista disso, nossa pesquisa pretende, num diálogo entre a psicanálise (pós) freudiana com a literatura, sondar o personagem Will Grayson, ante o desvelamento de sua própria sexualidade, numa sociedade movida por padrões heteronormativos, focando em uma das relações que se constrói no espaço escolar.

Nossa abordagem veio a partir dos diversos discursos acerca das homossexualidades advindos das áreas de domínio e saber, discursos estes que foram, se modificando e permitiram uma melhor elucidação sobre a temática: Michel Foucault, em seu primeiro volume sobre a História da Sexualidade – *A Vontade de Saber* -, desmitifica a ideia alimentada por historiadores de que existia uma repressão categórica do sexo. Para ele, “a ideia do sexo reprimido, não é somente objeto de teoria” (1999, p. 13), mas um meio pelo qual se pretende “dizer a verdade sobre ele”, verdade que as instâncias de poder se consideram como as únicas detentoras, quais sejam: a religião ou a pastoral cristã, com seus sacramentos, onde a confissão era o método mais eficaz; a pedagogia, sempre vigilante no que se referia à sexualidade da criança, em perigo e perigosa e, por fim, a medicina, com seus padrões heteronormativos, que patologizavam toda e quaisquer manifestações contrárias à natureza, corroborando com a Igreja nas interdições, para o que se acreditava ser o bem da humanidade. Na verdade, houve uma evolução nos discursos, nas diversas camadas do poder, que pudessem lidar com as múltiplas sexualidades periféricas, isto é, práticas sexuais que não estavam de acordo ou dentro do casamento sacramentado e, neste sentido, “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; [...] Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade” [...] (FOUCAULT, 1999, p.43).

A razão para esta estigmatização do homossexual pode ser bem explicada pela mudança ocorrida na realidade social, sofrida a partir do século XIX: a burguesia, movida pelo capitalismo e pelas



ideias iluministas, passou a perceber a distinção dos sexos, não só pelo véis anatômico, mas também por atividades que atribuíam para cada um deles; “a distinção entre os sexos passa agora a justificar e a colocar diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa” (Ceccarelli; Franco, 2010, p.122): o homem, conforme sua ideologia, era apto ao trabalho e a produtividade, a mulher, historicamente frágil, cabia à tarefa de cuidar da casa e dos filhos a fim de que os mesmos, quando crescessem, continuassem o ciclo de produção na sociedade, iniciada por seus pais. O homossexual, por sua vez, não podia reproduzir, logo, não daria continuidade ao ciclo e isso acabaria com a família nuclear, entendida como a célula da sociedade burguesa. Ceccarelli e Franco explicam que,

O preconceito social que estigmatiza e rotula o homossexual até os dias de hoje é um produto da ideologia evolucionista burguesa, na qual se criou uma crença em uma vivência sexual “normal” e “civilizada”, **a partir do momento em que o sexo se transformou em elemento político e social relevante para a época.** (2010, p. 123, grifo nosso).

A partir daí, como bem Foucault discorre, começou a se produzir discursos médico-jurídicos sobre a homossexualidade, cujas práticas eram consideradas ameaçadoras à sociedade, e a psiquiatria da época passou a classificá-los como perversos, invertidos, desviados do caminho natural da sexualidade.

2. A homossexualidade ante a sociedade ocidental

A história de Will Grayson é narrada a partir do ponto de vista do próprio personagem que se mostra apático no que concerne à vida social. Ao que lhe parece não é viável estabelecer um laço afetivo com as pessoas de seu meio, uma vez que elas não compreenderiam os problemas por que passa. Neste sentido, o adolescente construiu relações superficiais de amizade, ou melhor, com uma pessoa apenas, por nome Maura, sua colega de sala de aula, cuja conduta, parecia muito consigo mesmo:

maura não está exatamente a minha espera [...] desde que me lembro, o que dá mais ou menos um ano. [...] em algum momento do ano passado, a melancolia dela



encontrou minha desgraça, e maura achou que a combinação era boa. não tenho tanta certeza assim. [...] (GREEN; LEVITAN, 2015, p.34).

De fato, Will não confia na, suposta, amiga, pelo contrário, suspeita de que ela tenha algum interesse em sua pessoa, de ordem sexual, de modo que busca sempre, com a indiferença que lhe caracteriza, evitar qualquer que seja as investidas dela. Esta atitude de defesa, no entanto, não é apenas com a colega, mas é levada a todas as pessoas que, dentro da comunidade escolar. Maura é a única pessoa que procura, por meios nenhum pouco convencionais, extrair de Will a explicação para suas atitudes antissociais: a garota, se fazendo passar por outra pessoa, com o fictício nome de Isaac, se aproxima de Will nas redes sociais e o engana, até o ponto que descobre que ele é homossexual; assim que tem certeza disso, não satisfeita, Maura arquiteta uma maneira de revelar a verdade de uma forma humilhante para se vingar da falta de confiança de Will em sua pessoa. O que certamente Maura não compreendeu nas atitudes de Will referentes à sua sexualidade era o quanto, para um adolescente, na sociedade em que ele está, é difícil se aceitar homossexual e revelar-se a esta mesma sociedade cristianizada, que considera natural somente relações heteronormativas em detrimento de qualquer outra que não esteja engajada nos padrões monoteístas oriundos do judaísmo e posterior cristianismo¹. Entretanto, na Grécia e Roma Antiga, berço da civilização ocidental, as práticas e relacionamentos homoeróticos eram encarados como importante para a formação pedagógica e militar de um jovem grego², e, o fato de pô-la em prática, não fazia um garoto menos homem do que qualquer outro. “Parece claro que as uniões entre homens mais velhos e rapazes eram comuns, toleradas e, em muitos casos, exaltadas como supremacia de ‘amor’, quer em Atenas quer em Roma.” (GARTON, 2009, p.61).

Não importava, vale ressaltar, aos gregos e, posteriormente, aos romanos, o gênero do parceiro, mas o que se fazia com ele: em ambas, o homem adulto devia usar o falo adequadamente, ou seja, conforme o poder e a função que lhe foi dada, ele devia penetrar e não ser penetrado pelo outro, isso equivale dizer nos nossos dias que, o que se esperava de um

¹ A história está ambientada nos Estados Unidos, não queremos dizer que os norte-americanos são preconceituosos ou completamente preconceituosos no que se refere às questões da sexualidade, apenas afirmamos que, tal qual o Brasil, a crença religiosa se afigura como reguladora de padrões sexuais e, portanto, da ideia do que é normal e natural.

² Logicamente nos referimos à pederastia: esta prática pretendia, através dos ensinamentos de um homem mais velho, despertar o adolescente para a filosofia, atletismo e militarismo. A relação sexual entre o discípulo e seu mestre era socialmente aceitável, na medida em que servia para torná-lo hábil e competente para se tornar um

homem adulto era que ele fosse sempre o ativo na relação sexual. Neste sentido ser passivo não tinha tanta importância, caso o sujeito fosse um adolescente, escravo ou prostituto, a desonra estava no fato de permanecer na passividade mesmo depois de adulto.

O que foi assimilado pelos romanos, evidentemente, era exatamente isso: eles eram penetradores, que subjugavam as nações a sua volta, de modo que era vergonhoso que um cidadão romano se submetesse a outro homem de uma maneira menos dominadora. Mas, tanto na Grécia quanto em Roma, a prática sexual em si não era motivo de extremas condenações, somente o monoteísmo judaico condenou com a morte tanto o ativo quanto o passivo. Conforme William Naphy (2006) nos aponta é interessante notar que, diante das práticas do Oriente, o judaísmo foi à única religião que se preocupava com a conduta sexual dos seus integrantes. Vale compreender que, em comparação as demais nações que viam o sexo como parte essencial de seus cultos e cerimônias místicas, o judaísmo só entendia a relação sexual com fins procriativos, o Deus de Israel não admitia que houvesse qualquer relação da ordem sexual que fugisse a regra, para Ele, tão natural e com um objetivo específico: a união do pênis e da vagina produziria um filho. O cristianismo, oriundo dele, abrangeu as noções de pureza para questões mais simbólicas e não somente de práticas. Além disso, sendo herdeiro do monoteísmo mosaico, o cristianismo disseminou e proliferou a ideia de uma relação natural e, portanto, agradável a Deus: a heteronormativa.

3. “Nem todos os caras são canalhas como meu pai”

A família de Will é composta, unicamente, por ele e sua mãe, não há a presença do pai, tão necessária no modelo patrilárquico quanto no da burguesia. Na realidade, essa figura é conhecida, mas, não se faz presente, a única coisa que nos é revelado é que, na ótica de Will, esse pai quis se distanciar tanto da mãe quanto do filho, de modo que, para ambos, viver com a lacuna deixada é difícil. Will evita, por quaisquer razões, falar sobre seu pai, certamente porque não teria nada de bom para falar dele: a figura do pai lhe é inteiramente estranha ou, pior, desprovida de qualquer inspiração de respeito: “eu poderia lembrar a ela que **nem todos os caras são canalhas como meu pai**, mas ela contraditoriamente **odeia quando falo mal dele.**” (Ibid, 2015, p.82, grifo nosso).

É importante enfatizar que, não só na esfera econômica, no novo modelo de família, chamado de nuclear ou elementar (à sociedade, acrescentemos), se estabeleciam, também, uniões a partir



do amor e consenso de ambas as partes, onde a mãe tinha cada vez mais poder, em detrimento do pai que decaía a olhos vistos. O espaço não permite, no entanto, que detalhemos as mudanças ocorridas e seus desdobramentos, contentemo-nos a, passando por estes detalhes, explicar que os laços com os quais a família celular se fez, logo, com o passar de alguns anos, se mostraram frágeis, pois, um dos elementos de maior importância, o casamento, foi perdendo a força, antes tão necessária, haja vista que o amor romântico acabava-se e o divórcio foi, como consequência, permitido. A esse respeito, vale citar Roudinesco (2003, p.71):

Considerado um sacramento pelo direito canônico, depois como necessário à legitimação dos cônjuges e de seus filhos no direito laico, o casamento perdeu efetivamente sua força simbólica à medida que aumentava o número dos divórcios. Como podia ele continuar a encarnar o poder do vínculo familiar se este já não era mais indissolúvel?

De fato, a partir deste novo paradigma, as famílias passaram por uma recomposição em todos os aspectos, antes impensados, a começar (e é isso que nos interessa) do reconhecimento legal dos filhos, ditos bastardos, pelo pai ou, na ausência deste, somente pela mulher solteira, cuja vida social não mais era vista com maus olhos: o pai só comparecia se a mãe achasse que era importante ou indispensável e não era somente o discurso do homem que legitimava seu rebento, a mulher podia fazê-lo e o Estado obrigava. Além do mais, os filhos podiam ser evitados, caso não fossem desejados, apesar disso já ser uma prerrogativa da família elementar. Entendemos, então, a família de Will Grayson, apesar do personagem, bem como a mãe, não se pronunciarem de maneira mais significativa acerca da figura paterna: é possível deduzirmos que este homem se aproximou desta mulher, iludiu-a, engravidou-a, recusou-se a apoiá-la e, talvez, sugestionou que abortasse a criança³. Certamente ela não o fez e, também, conseguiu obrigá-lo a reconhecer juridicamente (ou não) o bebê, o qual desprezou e desapareceu sem deixar vestígios.

ela [minha mãe]provavelmente só está preocupada com o dia em que vou acordar e perceber que metade dos meus genes são tão orientados em ser um filho da puta que

³ Não nos esqueçamos de que a decisão de abortar a criança só pode ser tomada pela mãe, mesmo que o genitor não o deseje e que no Brasil, mesmo com o Estado criminalizando a prática, há meios outros para executá-lo.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



vou desejar ser um filho da puta. bem, mãe, adivinhe só? esse dia aconteceu há muito tempo e eu gostaria de dizer que é aí que entram os comprimidos, embora eles lidem apenas com os efeitos colaterais. (Ibid, 2015, p.82).

O rapaz sabe que não foi desejado, ou, em outras palavras, planejado, de modo que, no campo consciente, o ódio edípico⁴ que, em tese, devia estar recalcado, submerge, porém, reconhecer este ódio ou verbalizá-lo, de acordo com a cultura, representada por sua mãe, é tido como uma transgressão.

4. “Olhe, mãe, eu sou totalmente gay”

Chegamos a um ponto de nossa pesquisa que se faz necessário entender a homossexualidade do personagem em análise. Antes de tudo, devemos elucidar que não existe um só tipo de homossexualidade, logo, também não há uma só explicação para elas. Não queremos, com esta investigação, supor, como muitos psicanalistas fizeram, que a homossexualidade seria, de algum modo, uma doença psíquica ou uma fixação no desenvolvimento da sexualidade que configuraria numa perversão.

Como verificamos anteriormente, Will apaixonou-se pelo suposto Isaac, este, mesmo se revelando uma mentira de Maura, agia de maneira maternal para com Will. Isaac correspondia ao ideal do garoto sobre o mundo e a maneira de dividir esta concepção, logo, o apaixonamento era uma consequência esperada nesta situação, de tal maneira que o rapaz se sentiu seguro para, com este outro, compartilhar momentos importantes de seu dia-dia, o que Isaac retribuía, fazendo a mesma coisa. Era, na visão de Will, confortável possuir alguém como Isaac, cujo modo de ser, em tudo se assemelhava ao seu. Vale ressaltar que houve neste relacionamento virtual uma idealização que permitiu ao personagem apaixonar-se; em termos psicanalíticos, diríamos que o que ocorreu em Will foi um processo de identificação. O encontro pessoal entre ambos, por sua vez, confirmaria, na perspectiva do protagonista, todas as expectativas ou, pelo menos, a parte mais importante. Sabemos qual foi o resultado deste encontro, de modo que, agora, o que nos chama a atenção é o motivo pelo qual Isaac foi escolhido como objeto de amor, é neste momento que buscaremos na psicanálise de base freudiana as prováveis respostas a esta inquirição.

⁴ Freud elaborou o Complexo de Édipo na sociedade vienense da qual fazia parte, marcada, logicamente, pelo modelo de família elementar: os filhos nutrem sentimentos de amor e hostilidade em relação a seus pais. (83) Antonio Quinet (2006, p.104), no Édipo simples do homem, “o desejo pela mãe se associa a um desejo de eliminar o pai.”



Freud, a partir de 1920, propõe uma significativa mudança no aparelho psíquico que havia elaborado anteriormente: no primeiro, ele era dividido em três partes: consciência, entendida como o estado de percepção dos fatos ao redor do sujeito; pré-consciente, cujo conteúdo não está presente, porém, no momento em que se faz necessário à intervenção de representações verbais, ele vem ao campo consciente e, por fim, o inconsciente, cujo conteúdo o sujeito não tem acesso, uma vez que está recalcado. Neste sentido, Freud explica, portanto, a ação do consciente e pré-consciente:

“Estar consciente” é, em primeiro lugar, uma expressão puramente descritiva, que invoca a percepção imediata e segura. A experiência nos mostra, em seguida, que um elemento psíquico — por exemplo, uma ideia — normalmente não é consciente de forma duradoura. É típico, isto sim, que o estado de consciência passe com rapidez; uma ideia agora consciente não o é mais no instante seguinte, mas pode voltar a sê-lo em determinadas condições fáceis de se produzirem. [...]. (FREUD, 2010, p.11-12)

O mestre vienense menciona que, no trabalho analítico, há sempre uma força que tenta impedir que outras ideias venham à tona, ou seja, de serem representadas pela linguagem e, deste modo, tornem-se conscientes, a isso ele denominou repressão⁵, de maneira que “o reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente.” (Freud, 2010, p.14). Com isso, Freud percebeu a existência de dois tipos de inconscientes: o que poderia ser lembrado e outro que, recalcado, não poderia. Em outras palavras o Eu⁶ é que exerce o recalque, a fim de defender-se das consequências inerente à consciência de determinadas lembranças, logo, o próprio Eu é, também, o maior sintoma da ação do inconsciente: pois grande parte de sua constituição o é. Indo adiante em suas considerações, a partir de comportamentos típicos da clínica, Freud revela: na medida em que, durante o tratamento, vai-se descobrindo as razões para certos comportamentos, há uma maior resistência por parte do paciente, que nem sequer a sente como tal, e esta provoca o retorno de sintomas antes superados. A esse processo, normalmente alimentado por um *sentimento de culpa*, Freud denominou Ideal do Eu, ou

⁵ Na realidade, dependendo da tradução de O Ego e o Id, o termo é substituído por recalque, por motivos didáticos, a partir de agora substituiremos um pelo outro, ou seja, quando estivermos efetuando a análise mencionaremos recalque.



Superego.⁷ O aparelho psíquico agora é interpretado por Freud como: Id, sede dos desejos fantasísticos, movido pela pulsão de vida e o princípio do prazer; ego, o que é manifesto, movido pelo princípio de realidade, responsável por negociar com o id, o que deve ser realizado e, por fim, o superego, regido pela pulsão de morte, de ordem sádica, cuja função é interditar as ações do id.⁸

O Complexo de Édipo se dá pela relação triangular dos pais para com o filho, marcada, por parte da prole, pelo amor a mãe⁹ e conseqüente rivalidade para com o pai. Este último, possuidor da mãe, é o empecilho na concretização dos desejos edípicos. No que se refere a Will, ele procede de uma estrutura familiar sem a presença do pai, o que nos levaria a pensar que ele não se identifica com a figura paterna ou que o triangulo edípico não está completo, entretanto, a trama nos revela que, mesmo com a ausência deste pai, o ódio é manifestado, racionalizado como resultante de sua negligencia. Freud, no entanto, percebe de outra forma a importância destas identificações: os efeitos delas serão duradouros e podem explicar a forma como os substitutos serão escolhidos e a maneira como serão lidado pelo sujeito. Nada mais natural para a criança do que rivalizar com seu pai, pelo amor de sua mãe, entretanto, na medida em que o Ego se desenvolve, recalca estes sentimentos eróticos bem como os hostis, o caso de Will não parece ser uma exceção, mas, acrescentemos, Freud não se contentou na simplificação de sua teoria, muito menos, nos daremos por satisfeitos por termos chegados a essa conclusão, o que expomos até o presente momento é denominado o *complexo de Édipo simples*, ao que devemos acrescentar que as relações edípicas são marcadas pela ambivalência, ou seja, ao mesmo tempo em que se pode amar, também odeia-se as figuras parentais, sendo esta a gênese da bissexualidade. Assim, Will ama o seu pai, cujo nome não é mencionado uma única vez. Quinet explica esta inversão ao discorrer sobre uma possível gênese da homossexualidade:

Essa 'inversão' é relativa ao dito Édipo normal ou positivo: ao invés de rivalizar com o pai, o homem homossexual o ama [...] Essa interpretação, quase canônica, encontra-se efetivamente em Freud, mas não foi sua última palavra em relação ao complexo de Édipo. (2006, p.103)

⁷ Na tradução da qual dispomos, o ideal do eu é denominado Supereu, por considerarmos que nossos leitores estão mais habituados ao termo Superego, o empregaremos.

⁸ A dinâmica parece simples, mas é bem mais complicada, tentemos elucidar aqui: o superego é o herdeiro do Complexo de Édipo, ou seja, ele introjeta, se identifica e dissexualiza as figuras parentais, neste processo, o erotismo que é da ordem da pulsão de vida, é retirado e o superego, originalmente sádico, interdita as ações do id, pois é da ordem da pulsão de morte.

(83) Bazzani, 2012. Nianias a mãe (o seio nutridor) é o primeiro objeto de amor do bebê.



Não ignoramos que a mãe assumiu um forte papel, desdobrando-se entre o trabalho e os cuidados com o filho, ou seja, esta mulher foi tanto o pai quanto a mãe, mas não podemos omitir o fato de que Will sentiu falta de uma presença mais forte, apesar de ter se identificado com este pai, odiando-o, desenvolvendo um superego tirânico que o enclausurou num estado de depressão crônica. A partir das identificações que teve, o garoto se encerrou em seu próprio mundo: tornou-se introspectivo, calado e incapaz de estabelecer laços duradouros: Maura não era confiável; Isaac uma mentira e Tiny, demasiadamente, extravagante. Um por um foi saindo de sua vida, e certamente, Gideon, colega de escola que se aproximou, não permaneceria por muito tempo. A nenhuma dessas pessoas, Will permitiu que entrassem, de fato, na sua vida, em parte porque não se sentia capaz de corresponder, em outra parte porque sentia medo delas. Talvez, suponhamos, o abandono do pai tenha gerado este medo: se o pai o abandonou o que impediria os outros de fazerem o mesmo? Neste caso, melhor seria largá-los ou criar laços superficiais. Gideon parecia estar conseguindo penetrar o muro de indiferença de Will, pois, como Isaac, este novo amigo se prestava a cuidar dele, auxiliando-o nos problemas que teria de enfrentar:

a essa altura gideon sabe tudo o que aconteceu. não só comigo e com tiny, mas comigo e maura, e comigo e minha mãe, e basicamente comigo e o mundo inteiro [...].

gideon: tudo faz sentido

eu: faz?

gideon: completamente. eu teria feito as mesmas coisas que você fez.

eu: mentiroso.

gideon: não é mentira

então, totalmente do nada, ele estende o dedo mindinho.

gideon: juro, sem mentiras (GREEN; LEVITHAN, 2015, p.332)

Diante destas escolhas, percebemos que a busca de Will era por alguém que fosse forte como pai, mas que tivesse os cuidados da mãe, no fim das contas ele buscava, nestes substitutos a fundição destas figuras, a fim de que pudesse concretizar, no campo real, as exigências do id.

5. Considerações finais

Discorreremos acerca da homossexualidade retratada no romance *Will & Will*, buscando entender os discursos

que permeiam em nossa sociedade sobre o tema, logo, percebemos que, por questões econômicas, o homossexual era considerado um transgressor, na medida em que não podia dar continuidade ao ciclo elementar da família nuclear.

Em um primeiro momento, munidos de dados históricos do berço da civilização ocidental, compreendemos que as práticas homoeróticas estavam ligadas a educação pedagógica dos jovens cidadãos gregos bem como, ao romano que assimilou a cultura grega, a única exigência que se podia esperar era a utilização do falo adequadamente, ou seja, o homem devia, em qualquer relação, penetrar e não ser penetrado. A passividade, portanto, era encarada como uma maneira de se submeter simbolicamente a outrem. Com o advento do cristianismo, no entanto, herdeiro do monoteísmo judaico, as noções de pureza e sexualidade foram restringidas ao casamento e ao relacionamento heteronormativo que visava à procriação. Neste sentido, a ciência corroborou com o pensamento religioso, quando patologizou toda e qualquer relação que não estivesse dentro dos padrões estabelecidos. No segundo momento abordamos o declínio deste modelo nuclear de família: antes formado por figuras bem distintas, agora pode ser construído, mesmo com a ausência de uma destas figuras. Neste ponto, compreendemos o personagem em foco no que diz respeito a sua depressão e declarado ódio ao pai que não é mencionado.

No terceiro momento, com as teorizações de base freudiana, procuramos analisar o protagonista bem como suas relações com as demais pessoas de seu meio social. Percebemos o predomínio de uma transferência a (quase) todos os que se envolveram com ele afetivamente e verificamos a evolução de um superego tirânico que o impedia de construir laços afetivos fortes e duradouros. Por fim, consideramos que isso se dá pela identificação com estas figuras parentais, cuja fundição o garoto buscava em Isaac e os posteriores, resultado da complexidade do complexo de Édipo freudiano.

Referências:

CECCARELLI, P. Roberto. **O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas)**. 2012. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1500> Acesso em: 12.09.2015.

CECCARELLI, P. Roberto. **Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões**. 2010. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1483>. Acesso em: 12.09.2015.

CECCARELLI, P. Roberto; FRANCO, Samuel. **Homossexualidades: verdades e mitos**. 2010. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=142> Acesso em: 12.09.2015..



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: **Obras completas – Volume 16**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

GARTON, Stephen. **História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual**. Lisboa: Editorial Estampa, 2009.

GREEN, John; LEVITHAN, David. **Will & Will: um nome, um destino**. Rio de Janeiro: Galera, 2015.

NAPHY, William. **Born to gay: história da homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.

QUINET, Antonio (Org.). Homossexualidades em Freud. In: **As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br